OPINIÃO SOCIALISTA

PSTU

Nº611
de 21 de abril
a 05 de maio
Ano 23

R$2 | (11) 9.4101-1917 | PSTU Nacional | www.pstu.org.br | @pstu | Portal do PSTU | @pstu_oficial

LIT-QI
Liga Internacional dos Trabalhadores
Quarta Internacional

FORA BOLSONARO E MOURÃO !



QUEBRAR PATENTES PARA TER VACINA PARA TODOS

>> AUXÍLIO EMERGENCIAL DE 1 SALÁRIO MÍNIMO

>> ESTABILIDADE NO EMPREGO, SEM REDUÇÃO DE SALÁRIO

>> AUXÍLIO FINANCEIRO AOS PEQUENOS NEGÓCIOS

PDF INTERATIVO - CLIQUE NO QR CODE > DAS MATÉRIAS E VÁ DIRETO PARA O SITE

páginadois

CHARGE





“Parece, mas não é a gaiola das loucas, são só as pessoas portadoras de vagina na CCJ sendo levadas a loucuras pelas verdades ditas pelo Deputado Eder Mauro”

Eduardo Bolsonaro, em ataque machista às mulheres da Comissão de Constituição e Justiça da Câmara de Deputados.



O CAPITALISMO É ASSIM

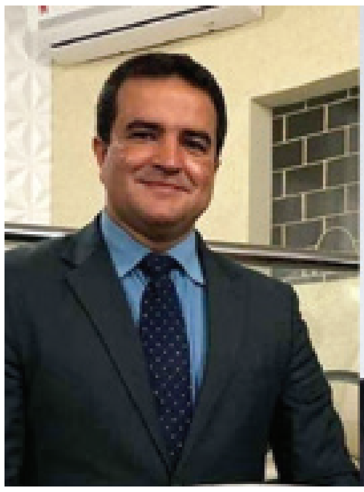
Bilionários ficam mais ricos na pandemia



A revista “Forbes” publicou, no dia 6 de abril, a famosa lista dos maiores bilionários do mundo que, este ano, bateu um recorde: exatas 2.755 pessoas têm patrimônio maior do que US$ 1 bilhão (o equivalente a R$ 5,6 bilhões). Esse número significa que durante 2020 (ou seja, em plena pandemia) 660 pessoas foram acrescentadas à lista dos bilionários. Juntos, eles acumulam nada menos que US$ 13,1 trilhões; ou seja, R$ 73,3 trilhões. Um valor dez vezes maior que todo o Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil que, em 2020, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), foi de R$ 7,4 trilhões. E mais: na lista anterior, a soma dos bens desses bilionários era de US$ 8 trilhões (R$ 44,8 trilhões); ou seja, durante a pandemia, as fortunas dos super-ricos quase duplicaram, com um aumento de quase US$ 5.1 trilhões. No topo da lista (pela quarta vez consecutiva) está Jeff Bezos, dono da rede varejista on-line Amazon e do jornal “The Washington Post”, com uma fortuna calculada em US$ 177 bilhões. O segundo é o sul-africano, radicado nos EUA, Elon Musk, presidente da Tesla Motors, empresa automotiva e de armazenamento de energia, que saltou da 31ª colocação ao acrescentar nada menos que US$ 126,4 bilhões à sua fortuna, acumulando US$ 151 bilhões. Enquanto isso o mundo e particularmente o Brasil, vitimados pela pandemia, vivem em luto permanente, somado à crise socioeconômica que avançou, deixando um número cada vez maior de desempregados, de gente passando fome ou vivendo na mais absoluta miséria.

LGBTFOBIA

Pastor defende morte de ator com Covid





O pastor José Olímpio, da Assembleia de Deus (AD) de Alagoas, vai ser processado pelo crime de LGBTfobia, por diversas entidades LGBTIs e grupos de direitos humanos, após declarar que reza pela morte do popular ator Paulo Gustavo, que está internado há mais de um mês com Covid-19. “Eu oro para que o dono dele o leve para junto de si”, disse o pastor nas redes sociais. O pastor José Olímpio é assessor do presidente da AD Missão, no estado de Alagoas, e usa com frequência as redes sociais para defender o presidente Bolsonaro e atacar os seus opositores.

Expediente

Opinião Socialista é uma publicação quinzenal da Editora Sundermann.
CNPJ 06.021.557/0001-95 / Atividade Principal 47.61-0-01.

JORNALISTA RESPOSÁVEL Mariúcha Fontana (MTb14555)

REDAÇÃO Diego Cruz, Jeferson Choma, Luciana Candido

DIAGRAMAÇÃO Luciano Lasp

IMPRESSÃO Gráfica Atlântica

CONTATO

FALE CONOSCO VIA **WhatsApp**
Fale direto com a gente e mande suas denúncias e sugestões de pauta
(11) 9.4101-1917

opiniao@pstu.org.br

Av. Nove de Julho, 925. Bela Vista - São Paulo (SP). CEP 01313-000



editorial

Basta de genocídio, fome e desemprego!

Por um programa de emergência e uma alternativa de classe e socialista

Estamos caminhando para meio milhão de vítimas de uma doença para o qual há vacina. Não era para estarmos vivendo essa mortandade. Já poderíamos ter, hoje, a maioria, senão a totalidade da população, vacinada, aqui e no mundo. E não temos por causa de um governo genocida e um sistema capitalista, cujas únicas preocupações são o lucro e a acumulação de capital.

AGRAVAMENTO DA CRISE EMBAIXO

Para os trabalhadores, os "de baixo", há o agravamento da crise sanitária, econômica e social, com pandemia, desemprego, rebaixamento de salários e alta dos preços, além da falência de dezenas de milhares de pequenos proprietários. Enquanto isso, os grandes monopólios, que controlam 70% da economia, enriquecem ainda mais e 65 bilionários ganham mais do que 100 milhões de brasileiros. Lucram com a fome e o genocídio, como a saúde privada e os bancos.

Entre a classe trabalhadora e os setores populares crescem a indignação e a revolta. Há lutas, como a greve das trabalhadoras da LG e suas terceirizadas (Blue Tech, Sun Tech e 3C), na região de São José dos Campos (SP). Mas, a própria pandemia e o desemprego, combinados com o papel das direções burocráticas e de conciliação de classes, dificultam ações de rua e, também, a generalização espontânea de lutas econômicas.

Contudo, a crise sanitária, econômica e social é tão grande que há um aumento da divisão da classe dominante e uma crise política entre os "de cima". Ainda que, por enquanto, um setor majoritário da burguesia continue sustentando e apoiando o governo, principalmente quando se trata de passar a boiada contra os trabalhadores e entregar o país e nossos direitos. Quando fechávamos esta edição, a privatização dos Correios estava prestes a ser votada na Câmara.

FORA BOLSONARO E MOURÃO, JÁ!

A necessidade é de lutar para tirar Bolsonaro e Mourão, já, exigindo eleições antecipadas, ao invés de atuar para deixá-lo "sangrar" até 2022. As direções de partidos como o PT, o PSOL e o PCdoB, que defendem uma "frente ampla", ou uma alternativa de governo de aliança com a patronal, apostam todas as fichas em esperar as eleições.

E as centrais sindicais, com exceção da CSP-Conlutas e da Intersindical, ao invés de organizarem uma greve geral sanitária, também apostam na aliança com setores burgueses, partilhando o projeto de Lula, pela construção de um futuro governo de unidade nacional.

Exatamente por isso, querem fazer, no próximo 1º de Maio, um ato unindo PT, PCdoB, Rodrigo Maia (DEM), Davi Alcolumbre (DEM), João Doria (PSDB), Renan Calheiros (MDB) etc. Caberá à CSP-Conlutas e à Intersindical garantirem um 1º de Maio classista, de luta e anticapitalista.

Já Lula busca se aproximar do sistema financeiro, do grande empresariado e ser expressão, aqui no Brasil, de Joe Biden, presidente dos Estados Unidos, em defesa de um governo capitalista e pró-imperialista de unidade nacional. Essa política é duplamente nefasta. Primeiro, porque, ao abrir mão de tirar Bolsonaro, seguiremos de mãos amarradas perante o genocídio, a fome e toda barbárie. Segundo, porque expressa um projeto de defesa da ordem e um programa que já se mostrou incapaz de atacar seriamente a desigualdade e as mazelas do país.



O PSOL, por sua vez, também se direciona cada vez mais para ser coadjuvante neste projeto do PT, como indica o recente jantar de Guilherme Boulos com a direção do Progressistas, legenda de aluguel da Igreja Universal

.

TIRAR DOS RICOS PARA CONSTRUIR UM PROGRAMA DE EMERGÊNCIA CONTRA O GENOCÍDIO, A FOME E O DESEMPREGO

Precisamos confiar em nossas próprias forças e avançar na auto-organização da classe e do povo pobre. Além de defender a necessidade de organizar uma greve geral sanitária, devemos discutir e lutar por um programa de emergência contra a crise, exigindo que os ricos paguem por ele.

Exigimos vacina para todos, com a quebra das patentes; lockdown nacional e auxílio de um salário mínimo enquanto durar a pandemia; estabilidade no emprego, sem redução de salários e de direitos; e auxílio ao pequeno negócio, com crédito e cancelamento das dívidas.

Para viabilizar um programa emergencial para os trabalhadores, é preciso enfrentar e atacar os bilionários e os lucros dos banqueiros e grandes empresários. É necessário suspender o pagamento da dívida aos banqueiros, acabar com a Lei de Responsabilidade Fiscal e instituir a Lei de Responsabilidade Social, para investir maciçamente no Sistema Único de Saúde (SUS), na educação pública e realizar um plano de obras públicas essenciais, que gere empregos e construa moradia, além de resolver o problema do saneamento básico.

Entre outras medidas, temos que taxar, em 40%, as grandes fortunas e os 65 bilionários, proibindo a remessa de lucros para fora do país. Estatizar as empresas que ameaçarem fechar ou demitir, como fez a Ford e, agora, está fazendo a LG. Proibir as privatizações e reestatizar as estatais que já foram privatizadas, para garantir combustível barato. E, também, exigir a liberação do pagamento de tarifas aos desempregados.

É necessário estatizar e coordenar, num banco único, o sistema financeiro, para poder fazer a economia do país girar, para garantir soberania sanitária e alimentar, gerar empregos, acabar com a fome, defender o meio ambiente e socorrer o pequeno proprietário.

Para lutar por esse programa, é preciso construir uma alternativa de independência de classe e socialista, que aponte para um governo socialista dos trabalhadores, baseado em conselhos populares.

LEIA NO SITE:
HTTPS://PSTU.ML/K8UG1

POR EMPREGOS E DIREITOS

Operárias terceirizadas da LG, em greve há mais de 15 dias, se tornam foco de resistência e luta

ANA CRISTINA SILVA,
DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS (SP)

Há pouco mais de 15 dias, três greves no Vale do Paraíba, no interior de São Paulo, vêm ganhando repercussão nacional e até internacional. Funcionários das empresas Sun Tech, em São José dos Campos, Blue Tech e 3C, em Caçapava, a maioria mulheres, estão de braços cruzados desde o dia 6 de abril, após a multinacional sul-coreana LG anunciar o fechamento da divisão de produção de celulares em todo o mundo, o que levará à demissão em massa de pelo menos 1.100 trabalhadores.

Cerca de 700 serão demitidos em Taubaté, onde se localiza a sede da LG e é base do sindicato filiado à CUT. A maioria dos postos de trabalho na planta é da divisão de celulares, mas outra parte produz monitores e notebooks e também será afetada, pois a empresa anunciou ainda que transferirá essa produção para Manaus (AM) atrás de incentivos fiscais.

Nas fornecedoras, localizadas nas cidades vizinhas, base do Sindicato dos Metalúrgicos de São José e região, filiado à CSP-Conlutas, serão fechados 430 empregos. Tudo isso sem falar nas demissões indiretas em razão do impacto na economia da região. Nas terceiras, inclusive, há o risco de calote.

A mobilização chama a atenção pela disposição de luta e firmeza das trabalhadoras, apesar dos receios e incertezas em meio ao atual cenário de pandemia, de aumento do desemprego e crise social no país.

As operárias e operários têm mantido piquetes diariamente nas portas das empresas e realizado vários protestos, como passeatas, atos e cobranças aos governos, num importante exemplo de que é possível lutar contra os desmandos de multinacionais como a LG e suas terceirizadas e defender empregos e direitos.



Greve unificada da LG, Sun Tech, Blue Tech e 3C - Foto: Roosevelt Cássio/Sindmetalsjc

QUEREMOS NOSSOS DIREITOS

Trabalhadoras denunciam superexploração a serviço do lucro

A situação nas três fornecedoras da LG revela os efeitos de um dos principais mecanismos utilizados pelas empresas para impor uma superexploração e aumentar lucros: a terceirização. Formalmente são empresas independentes, mas na prática as fornecedoras trabalham exclusivamente para a LG.

A maior parte da produção e montagem dos aparelhos ocorre nas três empresas, sendo remetida posteriormente para a LG apenas para acabamento final. Como relatam as próprias trabalhadoras, havia demanda e pressão direta da LG com cobrança de metas e produtividade. Alta rotatividade, baixos salários, jornadas exaustivas, com constantes horas extras, e alto índice de doenças ocupacionais, características do trabalho terceirizado, também marcam a situação dessas trabalhadoras e trabalhadores.

"Trabalhamos de segunda a sábado, entrando às 6h da manhã e saindo às 5h da tarde, para garantir as horas extras. Eu mesma tive de trabalhar até o último dia da minha gestação. Minhas colegas têm lesão nos braços pelo serviço puxado. Agora como vamos ficar? Acho que é muita falta de respeito da LG com os trabalhadores", desabafou C., funcionária da 3C há dois anos.

"Todo plano que a LG mandava para a 3C a gente dava conta. Mesmo com dor eu já trabalhei. Só não chorava porque tenho meus filhos em casa", contou a trabalhadora A, de 31 anos.

O medo do desemprego assusta a todas e todos, mas há também a consciência de que a luta é a forma para garantir seus direitos. "A gente sabe como está a situação aqui fora. Não tem emprego. Muitas fábricas fechando. A maioria aqui é chefe de família, o único sustento da casa. É o meu caso. Como a gente vai fazer? Pois se depender deles a gente sai com uma mão na frente, outra atrás", disse a jovem S., de 26 anos, funcionária da Blue Tech. "Para trabalhar, a gente deixa filho em casa. Deixamos até de cuidar da nossa saúde para trabalhar. Tudo isso para chegar numa situação como agora, em que essas empresas deixam a gente na mão", disse.

"A LG não tá falindo. Ela tá fechando para investir em outros setores. Então a gente quer a nossa parte, os nossos direitos. Que dividam com a gente o que a gente ajudou a construir", reforçou C.



Assembleia unificada das fornecedoras aprova continuidade da greve após 15 dias de paralisação. Foto: Roosevelt Cássio/Sindmetalsjc

AVANÇANDO NA LUTA

Piquetes mostram a força da auto-organização dos trabalhadores


Grevistas durante piquete na Blue Tech

São mais de 15 dias de paralisação. Uma mobilização que vem ocorrendo com piquetes permanentes nas portas das fábricas, para impedir qualquer tentativa de retirada de equipamentos e máquinas pelas empresas, mas também para fortalecer a luta.

As trabalhadoras e trabalhadores têm se auto-organizado, definindo o revezamento ao longo do dia, acompanhando o desenrolar da situação com as empresas e discutindo sobre os rumos da luta. As horas passam em rodas de conversas, em que também há muita troca de experiências e camaradagem.

Para muitos é a primeira experiência de luta e paralisação. É o caso da jovem de 21 anos, L., trabalhadora da Sun Tech. É o primeiro emprego dela numa fábrica e também a primeira vez que entra em greve.

"Eu venho para cá todo dia. A gente acorda às 5h da manhã. É cansativo, mas tenho aprendido muita coisa com as meninas do sindicato sobre o que é uma greve, sobre meus direitos, o que são as fábricas", relatou. "É uma luta muito forte. Acho que se fosse uma coisa ainda maior a gente poderia mudar até o nosso país. Mudar essa situação em que não temos vacina, por exemplo. Se o movimento que a gente tá fazendo aqui pode pressionar a LG, numa luta maior poderíamos pressionar os governos", completou.

PROGRAMA

Empresas como a LG precisam ser nacionalizadas e estatizadas sob controle dos trabalhadores

Como no caso do fechamento da Ford, o que rege o fechamento da LG não são os prejuízos alegados por essas multinacionais em suas operações de produção. Trata-se de um processo de reestruturação para aumentar as margens de lucro da empresa.

Estudo do Instituto Latino-Americano de Estudos Socioeconômicos (Ilaese), encomendado pelo Sindicato dos Metalúrgicos de São José, revela que a LG, na verdade, vive um de seus melhores momentos. Em plena pandemia, encerrou 2020 com um faturamento de US$ 53,6 bilhões e registrou lucro de US$ 1,6 bilhão.

O Brasil fica nas mãos das decisões dessas multinacionais, porque o país não completou seu ciclo de industrialização, não desenvolve uma indústria nacional. Ao contrário, a partir dos anos 1990, tem sido cada vez mais desindustrializado. Uma situação que é fruto da posição subalterna do país na divisão mundial do trabalho, a partir dos interesses dos países imperialistas, para que sejamos a "fazenda do mundo" para produzir e exportar commodities.

O Sindicato dos Metalúrgicos de São José dos Campos e região defende que caso a LG e as empresas não mantenham a produção e os empregos, as fábricas devem ser estatizadas e colocadas sob controle das trabalhadoras e trabalhadores. "As empresas não podem simplesmente ficar aqui dezenas de anos lucrando, remetendo boa parte do lucro para o exterior, depois anunciar fechamento e os governos não fazerem nada", afirmou o presidente do sindicato, Weller Gonçalves.



"Achamos que a luta tem de ser para cima da LG, porque ela é a responsável pelos empregos e direitos das terceirizadas, mas também tem que ser, principalmente, para cima do governo federal. Qual era o discurso do Bolsonaro na campanha eleitoral? Ele dizia que os trabalhadores teriam que escolher entre empregos e direitos. Hoje não temos nem direitos nem empregos. Por isso, temos que travar uma luta pela estatização da LG, sob controle dos trabalhadores. Temos total condição de produzir celulares de marca nacional ou adequar a produção para outro tipo de produto", completou.

EXEMPLO

É preciso intensificar a organização e mobilização pela base


Vera durante atividade na Blue Tech
Foto: do Roosevelt Cássio/Sindmetalsjc

Os trabalhadores estão sofrendo as consequências da grave crise sanitária e social instalada no país, provocada pela política genocida e ultraliberal do governo de Bolsonaro e Mourão. A classe trabalhadora, especialmente os mais pobres, enfrenta o risco da morte pela Covid-19 ou o risco do desemprego e da fome.

A situação das trabalhadoras da Blue Tech, 3C e Sun Tech é emblemática nesse sentido, pois são fábricas formadas majoritariamente por mulheres, muitas negras e LGBTs, exatamente os setores mais oprimidos, explorados e precarizados no sistema capitalista.

> **"Os trabalhadores estão sofrendo as consequências da grave crise sanitária e social instalada no país, provocada pela política genocida e ultraliberal do governo. Por isso, a luta das trabalhadoras é emblemática, pois são fábricas formadas majoritariamente por mulheres, muitas negras e LGBTs. exatamente os setores mais oprimidos, explorados e precarizados."**

Por isso, a luta que essas operárias e operários estão realizando, com uma forte mobilização pela base, se reveste de tamanha importância. É essa organização por baixo, estimulando cada vez mais a democracia operária e a auto-organização das trabalhadoras, que pode avançar a consciência e fortalecer a luta.

As greves na Blue Tec, 3C e Sun Tech foram exemplo para que os trabalhadores da LG também cruzassem os braços no dia 12 de abril, após rejeitar uma proposta de indenização. Isso deu ainda mais força à mobilização, mas equivocadamente o sindicato cutista defendeu o retorno ao trabalho para negociar separadamente um novo pacote para as demissões, e a greve em Taubaté foi suspensa no dia 19. Uma decisão que divide e enfraquece a luta.

Não é momento de jogar a toalha enquanto o jogo está rolando. Fazer essa demissão em massa, a maioria de mulheres, em plena pandemia é covardia e desumano. O caminho é fortalecer a mobilização e unificar a luta dos trabalhadores pela base para pressionar a LG, a verdadeira responsável por todas essas trabalhadoras, e os governos Bolsonaro e Mourão, estadual e municipais.

LEIA NO SITE:
HTTPS://PSTU.ML/5SFF7

CRISE

Além de genocídio, Bolsonaro promove falência dos pequenos negócios



ROBERTO AGUIAR
DE SALVADOR (BA)

Segundo o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), o Brasil tem 17 milhões de pequenos negócios. Destes, 60% interromperam suas atividades temporariamente devido à pandemia. Entre eles, está a loja de utensílios domésticos da Solange Trindade e seu esposo Carlos Trindade, localizada no bairro de Itapuã, em Salvador, capital da Bahia.

“Quando foram adotadas medidas de restrições mais rígidas, com o fechamento do comércio não essencial, tivemos que fechar a loja. Isso aconteceu ano passado e este ano. Entendemos a necessidade, mas sem políticas dos governos voltadas a nós, pequenos comerciantes, a situação ficou bem difícil”, disse Solange, em tom de tristeza e revolta.

A reclamação de Solange é mesma que faz a maioria dos pequenos empresários brasileiros, que sentiu a falta de medidas dos governos – federal, estaduais e municipais – para ajudar a reduzir os impactos da pandemia.

“Todo nosso sustento vem aqui da loja. Além de mim e do meu marido, temos duas funcionárias, que estão com a gente há mais de 10 anos, que também dependem do que arrecadamos com as vendas. Só nós sabemos o que estamos passando, fizemos de tudo para não demitir nenhuma delas. Até agora, elas seguem com a gente. Vendemos um pequeno terreno que tínhamos. Se fossemos depender de governo, fecharíamos a loja”, desabafa a comerciante de Itapuã.

Os pequenos comércios não essenciais, como é o caso da loja de Solange e Carlos, registraram queda nas vendas, o que ocasionou na diminuição da renda e no atraso nos pagamentos de contas. Essa situação foi revelada pelo levantamento do Instituto Locomotiva, que apontou que 88% dos micro e pequenos comerciantes registraram redução nas vendas durante o período da pandemia. Além disso, 62% dos entrevistados apontaram diminuição da renda pessoal, e 58% têm contas em atraso.

“Isso é porque a maioria depende das vendas do dia a dia para fechar as contas no fim do mês. São comércios como o nosso, que não têm outra forma de venda. Não temos entrega e não vendemos pela internet. Somos o tradicional comércio de rua, de bairros periféricos, que depende da movimentação de pessoas. Não temos como concorrer com as grandes lojas e comércios”, ressalta Solange.

SEM APOIO AOS PEQUENOS

Não apoiar com eficácia os pequenos empresários durante a pandemia foi uma política deliberada do governo Bolsonaro. Na famosa reunião ministerial realizada em abril do ano passado, que foi gravada em um vídeo que vazou, o ministro da Economia, Paulo Guedes, declarou: “Nós vamos ganhar dinheiro usando recursos públicos pra salvar grandes companhias. Agora, nós vamos perder dinheiro salvando empresas pequenininhas”.

Se Bolsonaro aplica uma política genocida na área da saúde, para enfrentar a pandemia; aplica, também na economia, algo semelhante em relação aos pequenos empresários. Pior, quando fala que é contra lockdown, porque iria acabar com economia, Bolsonaro tenta se esquivar de sua responsabilidade em oferecer auxílio emergencial aos pequenos negócios.

Isto ao mesmo tempo em que o descontrole total da pandemia, provocado pelo governo, resulta num prolongamento da crise, vitimando mais pessoas e obrigando o comércio a ficar mai tempo fechado. Esse é o círculo vicioso e genocida que Bolsonaro impõe ao país.

Tudo isso tem levado a um número recorde de falências e de pedidos de recuperação judicial. De acordo com pesquisa realizada pela Boa Vista Serviços, em 2020, os pedidos de falência de empresas aumentaram em 12,7%. E 85% dos pedidos de falência são de micro e pequenas empresas.

Essa situação leva ao aumento da crise econômica e





> **“Nós vamos ganhar dinheiro usando recursos públicos pra salvar grandes companhias. Agora, nós vamos perder dinheiro salvando empresas pequenininhas”**
>
> Paulo Guedes, Ministro da Economia, 22 de abril de 2020.

do desemprego, gerando um impacto destrutivo, já que as pequenas empresas representavam cerca de 54% dos empregos com carteira assinada e 27% do Produto Interno Bruto (PIB) nacional, segundo o Sebrae.

MEDIDAS INSUFICIENTES AOS PEQUENOS

Depois de muita pressão, Bolsonaro apresentou algumas medidas, que foram classificadas como insuficientes, falhas e cheias de burocracia, impedindo que chegassem a todos que precisam.

Entre elas estava o Programa Nacional de Apoio às Microempresas e Empresas de Pequeno Porte (Pronampe), que prometia condições favoráveis aos pequenos empresários, que poderiam pegar empréstimos em montantes de até 30% da receita bruta anual. O crédito seria devolvido em 36 vezes, com juros de até 1,25%, somados à taxa Selic (índice médio ajustado dos financiamentos diários, apurados no Sistema Especial de Liquidação e de Custódia).

Mas os pequenos comerciantes reclamam das dificuldades para acessar benefícios e linhas de financiamento. Este é o caso do Carlos Alexandre, dono de um salão de beleza, localizado no Centro de Salvador.

“Logo no começo da pandemia, fui demitido do salão em que trabalhava. Peguei as verbas rescisórias e uma grana que tinha guardado e abri meu próprio salão. Mas, não consegui avançar com meus planos, que eram contratar duas pessoas para trabalhar comigo”, explica.

Desde que abriu o salão, Alexandre já passou alguns meses com o estabelecimento fechado. Mas foi avisado do financiamento ofertado pelo governo no ano passado. “Fui ao banco, mas é muito burocrático, pede muita coisa. Pra mim, que estava começando, ficava difícil. O que era pra ser uma ajuda, poderia virar problema. Resolvi adiar os planos”, disse.

A dificuldade de acesso aos créditos se revela nos números apresentados pelo governo, que propagandeou que 517 mil pequenas empresas foram atendidas pelo Pronampe, em 2020. Mas quando comparamos esse número com o total de 17 milhões de pequenas empresas existentes no país, constatamos que apenas 3% delas foram beneficiadas.

Além de insuficiente, o Pronampe durou somente até o ano passado. Muitos dos que usaram a linha de crédito começaram 2021 sem conseguir pagar, pois a pandemia se agravou e o comércio foi fechado. O desamparo dos micros e pequenos empresários também se deu por parte dos governos estaduais e municipais, que pouca coisa fizeram para ajudar.

MUITA GRANA AOS GRANDES

Se a situação dos micros e pequenos é de sofrimento, já os grandes empresários é de fartura. As grandes companhias seguiram lucrando e recebendo grandes benefícios do Estado. Ano passado, as grandes empresas deixaram de repassar R$ 331 bilhões aos cofres públicos, com as renúncias fiscais concedidas pelo governo, apontam os dados da Receita Federal. Esse valor equivaleu a 4,35% do PIB. As estimativas apontam que este ano deixarão de ser arrecadados R$ 457 bilhões, quase 6% do PIB brasileiro.

Enquanto as micros e pequenas empresas estão endividadas, falidas, sem apoio; as grandes exibem lucros exorbitantes. De acordo com o levantamento da Economática, o setor de energia elétrica foi o que teve o maior lucro em 2020: R$ 42 bilhões. Em segundo lugar aparece o segmento de alimentos e bebidas, com o lucro de R$ 22 bilhões.

Esses dados mostram que o prejuízo e a falência que atingem os pequenos empresários são provocados pelos privilégios e vantagens dados às grandes empresas. O que deixa bem evidente que Bolsonaro quer apenas salvar a grande burguesia, enviando os trabalhadores para o abate. E, ainda, mente ao dizer que o governo não tem dinheiro para salvar os pequenos negócios.

A crise promove a falência das pequenas empresas e da classe média de diferentes setores, em prol dos grandes capitalistas e corporações. A situação atual mostra que a única maneira dos pequenos comerciantes e da classe média em geral não serem arrastados para as fileiras da miséria e terem direito a uma vida digna para si e para seus familiares, é aliarem-se à luta dos trabalhadores.

LEIA NO SITE: HTTPS://PSTU.ML/YWSEV

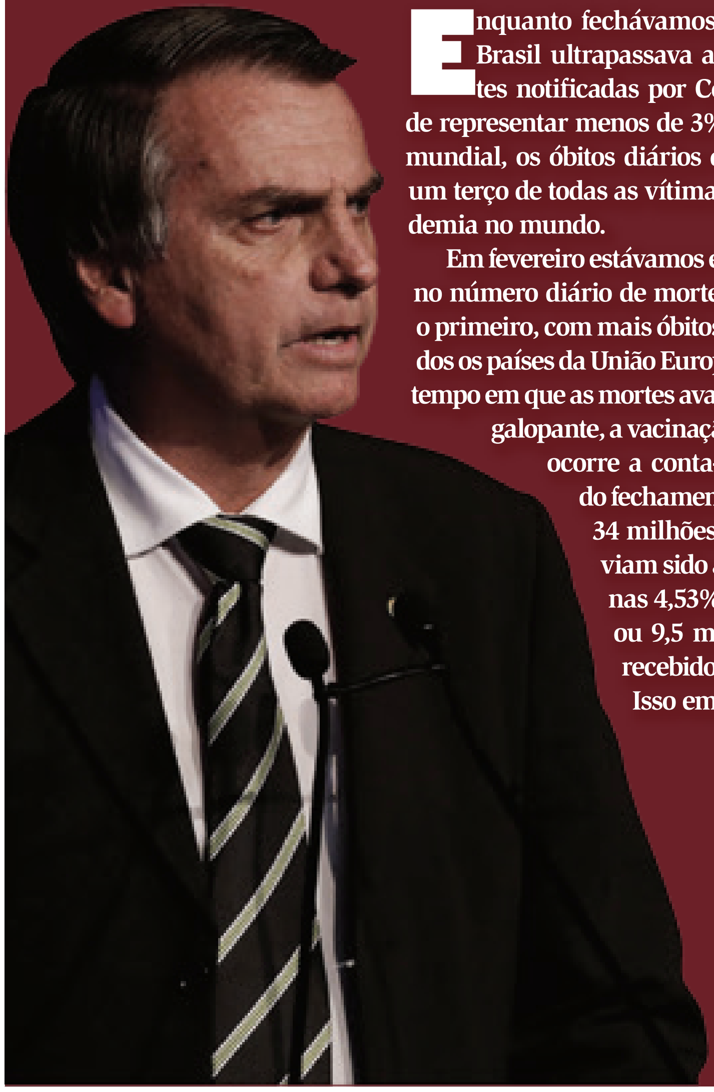
PROGRAMA

O QUE DEFENDEMOS

- Auxílio-emergencial aos pequenos negócios, já! Linhas de crédito, custeadas pelo Estado, com subsídios, juros baixos, carência, melhores prazos e menos burocracia, sem alienações (transferência da posse) ou avalistas;
- Acabar com a renúncia fiscal, que retira dinheiro dos cofres públicos e beneficia grandes empresas;
- Congelamento dos aluguéis e das cobranças de empréstimos e isenção das cobranças das contas de luz, água, energia, internet e telefone, durante a pandemia, para os micros e pequenos empresários;
- Garantir o direito dos trabalhadores ficarem de quarentena, com a manutenção de seus salários e estabilidade de empregos!

PANDEMIA

Brasil de Bolsonaro: campeão em mortes, lanterna em vacinas



Enquanto fechávamos esta edição, o Brasil ultrapassava as 373 mil mortes notificadas por Covid-19. Apesar de representar menos de 3% da população mundial, os óbitos diários do país somam um terço de todas as vítimas fatais da pandemia no mundo.

Em fevereiro estávamos em sétimo lugar no número diário de mortes, agora somos o primeiro, com mais óbitos diários que todos os países da União Europeia. Ao mesmo tempo em que as mortes avançam em ritmo galopante, a vacinação, ao contrário, ocorre a conta-gotas. Quando do fechamento desta edição, 34 milhões de vacinas haviam sido aplicadas e apenas 4,53% da população, ou 9,5 milhões, haviam recebido as duas doses. Isso em três meses.

Enquanto somos o epicentro da pandemia e estamos na dianteira no número de mortes, ocupamos o 56º lugar na aplicação de vacinas por 100 habitantes. Por que o Brasil que, com todas as debilidades, possui um sistema público de saúde como poucos no mundo e é referência mundial em imunização, vacina tão pouco?

POLÍTICA GENOCIDA DE BOLSONARO E CAPITALISMO

O primeiro culpado por ter transformado o Brasil num grande cemitério a céu aberto é Bolsonaro e a sua política genocida de boicote sistemático às vacinas e às medidas de distanciamento social. Bolsonaro recusou a oferta de 70 milhões de doses da vacina da Pfizer em agosto de 2020, com a promessa da entrega de 3 milhões em fevereiro último. Sucessivas ofertas da CoronaVac também foram rejeitadas, até que o governo se viu obrigado a recuar e aceitar a vacina da SinoVac em parceria com o Butantan.

A rejeição e o ataque público às vacinas, enquanto promovia e gastava milhões com a distribuição de cloroquina e demais medicamentos sem eficácia, atrasou a aquisição dos imunizantes e colocou o Brasil na rabeira da fila de vacinação.

Outro aspecto dessa tragédia é o monopólio das vacinas pelas grandes farmacêuticas e o imperialismo, o que causa a desesperadora falta do imunizante, principalmente nos países pobres. Ou seja, mesmo com o atraso provocado por Bolsonaro e que resultou em milhares de mortes, poderíamos hoje estar muito mais avançados. Com uma capacidade de aplicar 3 milhões de doses por dia, poderíamos já ter aplicado 270 milhões de vacinas e imunizado pelo menos 135 milhões de pessoas com as duas doses.

BRASIL

Na dianteira das mortes e na lanterna da vacina

1º lugar
Média diária de mortes

2º lugar
Mortes em números absolutos, só atrás dos EUA, prevê-se que ultrapassará até outubro

11º lugar
Óbitos por milhão

56º lugar
Em vacinação

CAPITALISMO É ISSO

O apartheid das vacinas


Edir Macedo que, após minimizar a gravidade da pandemia a seus fieis, afirmando que era um pânico espalhado por Satanás, foi vacinado em Miami.

Enquanto no Brasil a vacinação se arrasta na proporção inversa em que acumulamos mortes e novas infecções, pelas redes sociais viralizam fotos de ricos e famosos se vacinando nos EUA. Entre elas, do líder da Igreja Universal, Edir Macedo, que, após minimizar a gravidade da pandemia a seus fiéis, afirmando que era um pânico espalhado por “Satanás”, foi vacinado em Miami.

Além da hipocrisia, esse é um exemplo do apartheid da vacina que separa os países ricos e pobres. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), 87% dos vacinados estão nos países ricos e apenas 0,2% nos mais pobres. Enquanto os países imperialistas contratam um montante de doses que chega a três, quatro ou cinco vezes sua população, para a maioria não há nada. Em 130 países que somam 2,5 bilhões de habitantes não há uma gota de imunizante.

A iniciativa da OMS do programa Covax, a fim de garantir a imunização dos países pobres, é absolutamente insuficiente. Dos 100 milhões de doses programadas para este início de ano, apenas 38 milhões foram garantidas.

Isso ocorre porque toda a produção dos imunizantes está nas mãos das grandes empresas farmacêuticas e dos países imperialistas. Da propriedade intelectual das vacinas, as chamadas “patentes”, à tecnologia e cadeia de produção em massa. Isso garante, por um lado, o total controle do acesso a esses países e, por outro, a garantia de bilhões em lucros para os proprietários e acionistas das grandes biotechs.

SAIBA MAIS

O que são patentes



Patente é o direito de uso exclusivo de algum produto ou invenção por determinado período de tempo. No caso da indústria farmacêutica, é o monopólio do uso de medicamentos e vacinas pelos grandes laboratórios.

No caso da Covid-19, a patente garante o monopólio da produção das vacinas pelas biotechs, que podem negociar seu uso a governos ou instituições por certo tempo em troca do pagamento de royalties.

SAÍDA

Quebrar as patentes para garantir vacina para todos já

Sem a licença às grandes farmacêuticas, seria possível produzir vacinas “genéricas” mais baratas

Mesmo com quase 90% das vacinas produzidas no mundo indo para os países imperialistas, até entre eles há escassez de imunizantes. Já nos países coloniais e semicoloniais é a completa barbárie, como o Haiti que não tem sequer uma única dose de vacina. A imunização global, nesse ritmo, não chegaria antes de 2023. Com o surgimento de variantes mais agressivas, como da África do Sul ou do Brasil, mesmo isso não está garantido. Enquanto isso, o morticínio se aprofunda, assim como a fome e a miséria.



LEIA NO SITE: HTTPS://PSTU.ML/Q9KRQ

Seria possível aumentar em muito a produção de vacinas se fosse utilizada toda a capacidade disponível no mundo. No entanto, a lógica de mercado que rege a saúde mantém o monopólio da produção, via patentes, em algumas poucas grandes farmacêuticas. Elas, apoiadas pelos países imperialistas, preferem segurar o direito exclusivo de produção a compartilhar esse direito, mantendo lucros astronômicos em troca da continuidade da pandemia.

Essa lógica anárquica regida pelo mercado aprofunda ainda mais a crise e vem provocando cisões interburguesas. Exemplo disso é o debate sobre a quebra das patentes na Organização Mundial do Comércio (OMC). Em outubro último a Índia e a África do Sul capitanearam, juntamente com outros 100 países, um pedido no órgão de suspensão temporária das patentes. A iniciativa contou com o apoio até da Itália.

O pedido, porém, foi barrado por uma aliança de países imperialistas, como os EUA, a União Europeia, Suíça, Noruega, Canadá, Japão e Austrália. Com a ajuda do governo Bolsonaro que, mesmo tendo o país como epicentro da pandemia e sofrendo com a desesperadora falta de vacinas e medicamentos, se submeteu aos interesses dos EUA e demais países imperialistas.

Não foi só na OMC que o governo brasileiro barrou a quebra das patentes. Também bloqueou uma iniciativa no Senado, posiciona-se da mesma forma na Câmara, ao mesmo tempo em que apoia e sanciona a compra de imunizantes pela iniciativa privada com o projeto “fura-fila” da vacinação.

REALIDADE

Investimento público bancou as vacinas



MENTIRAS

Hipocrisia a serviço do lucro

O argumento das grandes farmacêuticas, dos países imperialistas e do Itamaraty para proteger as patentes é de que ele garantiria o “incentivo” aos investimentos à inovação tecnológica. Como exemplo, dizem que, sem as patentes, não teríamos chegado às vacinas contra a Covid-19 num prazo recorde.

A verdade é que, ao contrário do que querem fazer crer, o desenvolvimento das vacinas contou com pesados investimentos públicos (veja o gráfico). É um mecanismo em que as grandes farmacêuticas ganham duplamente: contam com investimentos e incentivos bilionários para desenvolver a vacina e, na outra ponta, lucram com acordos secretos e garantia de compra monopolizada pelos países imperialistas.

O outro argumento para não se quebrarem as patentes é de que isso, por si só, não garantiria a produção em massa dos imunizantes, já que o principal gargalo estaria na produção. Mas em uma série de países, como Brasil, Índia, Argentina, Coreia do Sul, Egito, seria possível utilizar a capacidade industrial já instalada e ampliar a produção, até mesmo para exportação.

UMA POLÍTICA MÍNIMA DE SAÚDE

Ao contrário do que muitos dizem, quebrar patente de medicamentos não tem nada de radical ou socialista. O chamado “licenciamento compulsório” já foi utilizado pelos próprios EUA para produzir antibiótico contra o antraz quando, no início dos anos 2000, o país viveu uma série de atentados com a bactéria.

No Brasil, houve a ameaça de quebra de patente ainda no governo FHC com os medicamentos retrovirais para tratar o HIV e a produção dos genéricos. No governo Lula, o país licenciou de forma compul sória o medicamento anti-retroviral Efavirenz, também contra o HIV, produzido pela alemã Merck.

PROGRAMA SOCIALISTA PARA DETER O GENOCÍDIO

Quebrar as patentes e expropriar a indústria farmacêutica sob controle dos trabalhadores

A pandemia coloca como medida urgente a quebra das patentes para ampliar a produção de vacinas. Além disso, é preciso reconverter as quase 30 fábricas de vacinas para gado que hoje suprem a indústria agropecuária para produzir imunizantes contra a Covid-19 e expropriar as grandes farmacêuticas para que, sob controle dos trabalhadores, produzam para garantir a imunização da população.

É necessário ainda fortalecer o Sistema Único de Saúde (SUS) e expropriar as grandes redes hospitalares privadas, constituindo uma fila única de UTIs, reconvertendo também a produção fabril para suprir a demanda de respiradores, oxigênio hospitalar, medicamentos para intubação e demais insumos que hoje estão em falta com a saúde colapsada.

Mas a solução para que não vivamos de genocídio em genocídio, em que a vida dos trabalhadores seja bucha de canhão para os lucros de meia dúzia de banqueiros e grandes investidores, é tirar nossa saúde das mãos das grandes empresas farmacêuticas. Se a saída imediata hoje é uma luta nacional e internacional pela quebra das patentes a fim de enfrentar a pandemia, é necessário lutar por um outro sistema. Um governo da classe trabalhadora no país e no mundo, em que saúde pública, incluindo a produção das vacinas, medicamentos e demais insumos seja planificada e voltada aos interesses da população, e não um punhado de capitalistas.

CÚPULA DO CLIMA

Acabar com o capitalismo para impedir catástrofe climática

JEFERSON CHOMA
DA REDAÇÃO

Entre 21 e 23 de abril, será realizada, na Holanda, a cúpula virtual sobre a mudança climática, que servirá para preparar a Conferência Climática das Organizações das Nações Unidas (ONU), a COP26, prevista para novembro, em Glascow (Reino Unido). Desta vez, a reunião será marcada pelo retorno dos Estados Unidos, sob o comando de John Biden, ao chamado Acordo de Paris. Segundo a Casa Branca, líderes de 40 países estão convidados, dentre eles o Brasil.

Em pauta, estão medidas para minimizar os efeitos do aquecimento global, cujas consequências são terríveis para toda a civilização. Segundo o Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC, na sigla original), o painel do clima das Nações Unidas, a temperatura média da superfície do planeta subiu cerca de 1º Celsius, desde 1880, sendo que a maior parte do aquecimento ocorreu no final da década de 1970. A temperatura média dos oceanos também subiu 450%, apenas nas últimas seis décadas.

ACELERAMENTO DO AQUECIMENTO GLOBAL

A ciência mostra que esse é o maior e mais rápido aumento da temperatura global em mais de 800 mil anos. Também aponta que a elevação da temperatura é cada vez mais acelerada. O derretimento do gelo nos polos (Sul e Norte) é a evidência mais gritante. Dados da agência espacial norte-americana, a Nasa, mostram que a Groenlândia perdeu, entre 1993 e 2016, uma média de 286 bilhões de toneladas de gelo, por ano; enquanto a Antártica perdeu aproximadamente 127 bilhões de toneladas no mesmo período.

O aquecimento global é resultado do uso desenfreado dos combustíveis fosseis, que em mais de um século alimentaram a economia capitalista. O resultado do uso dessa matriz energética foi a emissão de enormes quantidades de gases-estufa (como dióxido de carbono e metano), muito maior do



que a capacidade que a Terra tem para absorvê-los.

São inúmeras e, inclusive, imprevisíveis as consequências da catástrofe climática: a elevação dos oceanos e o fim das cidades costeiras; ondas de calor e desertificação de imensas áreas do planeta; a diminuição da produção agrícola e aumento da fome; a explosão de movimentos de refugiados climáticos; a extinção da maioria das espécies dos oceanos; a intensificação extrema de secas e enchentes; o fim da Amazônia e, obviamente, muitas outras pandemias. Aliás, o derretimento do gelo no Ártico russo provocou um surto de Antraz em 2016.

SAÍDA É A SUPERAR O SISTEMA

Capitalismo é incapaz de resolver a crise climática

O aquecimento global é resultado da lógica destrutiva do capitalismo. Sua sanha desenfreada pelo lucro promove a apropriação brutal da natureza, rompendo, assim, seus ciclos energéticos e ecológicos. A acumulação capitalista é incompatível com qualquer tipo de “desenvolvimento sustentável”, como defendem os governos de Biden ou da União Europeia. Na verdade, o capitalismo é incapaz de impedir a catástrofe climática que o próprio sistema desatou. A maior prova disso é a falência de todos os acordos climáticos realizados até hoje.

Os cientistas alertam que limitar o aquecimento global entre 1,5 º e 2 º Celsius seria o caminho mais racional. Mas, para isso, seria preciso diminuir as emissões de gases-estufa, em 45%, até 2030 e chegar a zero, em torno de 2050.

Mas, essa projeção apenas seria possível caso haja uma substituição da matriz energética mundial, diminuindo consideravelmente a emissão de dióxido de carbono (CO_2), de modo que chegássemos a zero em 2100, aliada a grandes programas de reflorestamentos para sequestro de carbono (retirada de gás carbônico da atmosfera) e acordos climáticos rigorosos, que garantissem, efetivamente, o cumprimento das metas.



LEIA NO SITE:
HTTPS://PSTU.ML/82QVQ

Tal saída seria racional. Mas o capitalismo não é racional. Estamos em 2021 e nem sequer um, apenas um, município em todo o planeta começou a implementar esse tipo de medida.

Portanto, a única maneira de “mitigar” (ou suavizar) o aquecimento global, deter a catástrofe ambiental que bate à porta e ameaça toda a civilização é a superação do capitalismo e a construção de uma sociedade socialista, sem classes sociais, sem exploração do trabalho e da natureza, pautada no domínio do poder econômico e político da classe trabalhadora e no planejamento da produção e distribuição de recursos.

BIDEN E BOLSONARO

Nenhum deles quer salvar a Amazônia

Durante a preparação da reunião, especulou-se na grande imprensa sobre um acordo que estaria sendo feito, nos bastidores, entre Biden e Bolsonaro. Em primeiro lugar, é preciso repudiar qualquer tipo de ameaça ou interferência política do imperialismo sobre o Brasil, particularmente aquelas que supostamente pretendem “salvar a Amazônia”, que servem de desculpa para que o capital se aproprie de suas riquezas naturais.

No entanto, não podemos esquecer que Bolsonaro e seu ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles, são, hoje, os maiores inimigos do meio ambiente e dos povos da floresta. É o governo quer “passar a boiada” em todo sistema de legislação de proteção e fiscalização ambiental. Defende madeireiros, a garimpagem nas terras indígenas, fazendeiros incendiários e a grilagem das terras públicas na Amazônia. São também aqueles que punem os que tentam fiscalizar e combater esses criminosos.

A última de Salles e Bolsonaro foi a exoneração do superintendente da Polícia Federal do Amazonas, Alexandre Saraiva.



Seu “crime” foi ter comandado a maior apreensão de madeira ilegal da história: o confisco de mais de 43 mil toras, num valor estimado em R$ 130 milhões. Salles e os madeireiros pressionaram pela sua saída. Em mensagens pelo WhatsApp, os madeireiros investigados pela PF se referiam ao delegado como o “alvo a ser abatido”.

Assim como o projeto de Bolsonaro na pandemia é o genocídio programado, atuando de forma deliberada para o alastramento do vírus, o projeto de Salles para o meio ambiente é a destruição da floresta e o extermínio das populações indígenas, em prol dos lucros dos grandes madeireiros, dos grileiros e dos mineradores. E único caminho que nos resta é a derrubada desse governo e não a ilusão de que Biden nos salvará.

TEORIA

O “progressismo” e a ideia de um capitalismo racional e consciente

BERNARDO CERDEIRA
DE SÃO PAULO (SP)



Capitalismo recria trabalho escravo, como nas carvoarias que produzem matéria-prima para as grandes siderúrgicas

LEIA NO SITE:
HTTPS://PSTU.ML/NKKL4

A pandemia do coronavírus produziu uma crise global do sistema capitalista: sanitária, social, econômica e política. É, possivelmente, a maior crise do capitalismo desde 1929, superando, também, a crise financeira de 2008.

A crise atual se combina com a crise ecológica, marcada pela destruição acelerada da natureza, por meio da exploração predatória e descontrolada dos sistemas ambientais. Seu mais importante efeito é o aquecimento global.

Essas crises combinadas têm gerado uma reação generalizada dos povos e setores sociais mais atingidos: trabalhadores, nacionalidades oprimidas, imigrantes, mulheres, negros, setores LGBTIs, que se mobilizam em diferentes países.

Diante disso, e preocupados principalmente com as reações sociais, vários economistas, filósofos e pensadores liberais e “progressistas” reconhecem que o capitalismo, tal como existe até agora, é inviável. Mas, não concebem outro sistema melhor ou possível e, por isso, têm procurado formas de “salvar”, “modificar”, ”redefinir” ou “regular” o capitalismo. Essas saídas, em geral, passam por tentar convencer os empresários e políticos de todo o mundo da necessidade de dar uma forma “racional” e “consciente” ao capitalismo.



As leis do capitalismo promovem o aquecimento global. Não há como impedir a catástrofe ecológica sem superar o sistema

A FARSA DO “CAPITALISMO SUSTENTÁVEL E CIDADÃO”

Esses setores defendem que as empresas não podem continuar só procurando maximizar os lucros ou dividendos dos acionistas. Seria preciso criar um novo capitalismo, dos “stakeholders”, termo que geralmente é traduzido como as “partes interessadas” em uma empresa; isto é, não só os acionistas, mas também os empregados, clientes, fornecedores e credores.

Segundo esse raciocínio, seria preciso “redefinir” o capitalismo para que este se preocupasse com trabalhadores, o clima e a natureza, a inclusão, a igualdade racial, a igualdade de gênero e as futuras gerações. Ou seja, um capitalismo a favor do bem-estar das partes interessadas e de um planeta saudável.

Uma concepção semelhante é a de que as empresas deveriam adotar a chamada sustentabilidade; isto é, práticas sociais e ambientais de acordo com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Organização das Nações Unidas (ONU). Para isso, seria necessário um gerenciamento baseado na ESG (sigla, em inglês, que significa “meio-ambiente, sustentabilidade e governança”). Seria o capitalismo sustentável.

Essas ideias são apoiadas pelos setores “progressistas” e são assumidas por empresas como a Gerdau ou a Magazine Luiza (Magalú), que, por exemplo, criou um programa para a inclusão de “trainees” (estagiários) negros e negras. Não é casual que Luiza Trajano, a dona da Magalú, seja vista como uma empresária progressista e alvo frequente de especulações de que seria convidada para ser vice de Lula, em 2022.

Faz parte dessa ideia de transformar o capitalismo de forma consciente, a proposta de investir em Educação, o que, segundo eles, permitiria oferecer oportunidades para toda a população, inclusive, e principalmente, para os pobres, tornando possível um sistema justo de meritocracia.

Tudo isso exigiria o exercício da cidadania; ou seja, a participação de todos os cidadãos, com iguais direitos, em uma sociedade democrática, baseada em um Estado de Direito que deveria regular o capitalismo.

UTOPIA REACIONÁRIA

É possível um novo capitalismo consciente e “humano”?

Os defensores ideológicos do capitalismo defendem essa possibilidade com o objetivo de preservar o sistema de exploração capitalista, cobrindo-o com uma nova roupagem. Mas, esta também é uma das maiores miragens perseguidas por “progressistas” sinceros, que acreditam que é possível reformar o capitalismo, dotando-o de uma forma racional, e evitando, assim, a revolta das massas e as dores de uma revolução socialista.

Essa miragem é o que chamamos uma utopia reacionária. “Utopia” porque um capitalismo consciente é totalmente impossível, como explicaremos em seguida. “Reacionária” porque tenta preservar um sistema que está destruindo, em passo acelerado, a humanidade, a natureza e todo o planeta.

A irracionalidade é uma característica inerente ao capitalismo. O capitalismo é um sistema econômico voltado para a produção generalizada de mercadorias, baseado na propriedade privada dos meios de produção e na venda dessas mercadorias no mercado.

LUCRO DEPENDE DA EXPLORAÇÃO DOS SERES HUMANOS

O objetivo dessa produção é gerar o máximo possível de lucros, que são apropriados pelos proprietários privados. Esses lucros são fruto da apropriação, pelos capitalistas, da parte do resultado do trabalho que não é pago aos trabalhadores; ou seja, da sua exploração.

Os capitalistas procuram sempre aumentar ao máximo esses lucros e o principal mecanismo para isso é o aumento da exploração dos trabalhadores, retirando conquistas trabalhistas, terceirizando funções e diminuindo salários. Também pagam salários inferiores ou só oferecem empregos precários para os setores mais oprimidos, como as mulheres e os negros.

Essa necessidade de aumentar permanentemente os lucros é fundamental no capitalismo, para reinvestir o capital acumulado, modernizar as empresas e enfrentar a concorrência. Empresas que limitassem seus lucros de forma “consciente”, para preservar a natureza ou cumprir limites éticos, perderiam a concorrência, fatias de mercado, valor de suas ações e, eventualmente, poderiam quebrar.

ASSIM FUNCIONA O CAPITALISMO

Irracionalidade do sistema e anarquia da produção

A necessidade de reproduzir capital, aumentando-o sempre, em um ciclo permanente e crescente, produz uma irracionalidade inerente ao sistema. Para se contrapor à tendência à queda da taxa de lucros, que é característica da crise estrutural do capitalismo, os capitalistas lançam mão de todo tipo de recursos

Um deles é a especulação financeira. Cada setor da burguesia disputa, no mercado de capitais, o valor gerado pelos trabalhadores na produção. Por isso, a tendência é aumentar fortemente o setor burguês "rentista" (que vive de rendas) parasitário.

Pelo mesmo motivo, empresas do agronegócio, da mineração, do petróleo e gás, geradoras de eletricidade, da construção pesada, da produção de celulose e da indústria em geral buscam explorar predatoriamente o máximo de recursos naturais ao menor custo, sabendo, "conscientemente", que isto significa a destruição da natureza. É só ver o caso da Samarco, em Mariana, e da Vale, em Brumadinho, ambas em Minas Gerais.



Desastre em Brumadinho promovido pela Vale. Mesmo assim a mineradora faz campanha onde diz que defende a sustentabilidade ambiental.

Além disso, a maior parte dos empresários procura aumentar sua taxa de lucro buscando formas de fugir do pagamento de impostos, sonegando-os ou buscando formas ilegais, como a evasão de divisas e a lavagem de dinheiro. As grandes multinacionais, como Apple, Google e outras, situam a sede de suas empresas em paraísos fiscais, para não pagar impostos.

CRIME ORGANIZADO E ANARQUIA NA PRODUÇÃO

Outro setor da burguesia, cada vez maior, investe em atividades criminosas excepcionalmente lucrativas, como o tráfico de drogas e de pessoas, prostituição, tráfico de armas, contrabando, roubo etc.

Por outro lado, a produção capitalista se dá através de milhares de empresas de propriedade individual. Cada produtor decide, individualmente, quanto irá produzir, o que gera uma tremenda anarquia na produção. Essa anarquia provoca enormes crises mundiais de superprodução de mercadorias, seguidas de cortes de custos, demissões em massa e fechamentos de empresas.

Por isso, as exortações para que se combata a ganância e o individualismo, com ética e apelo ao desenvolvimento do "espírito comunitário", não produzem nenhum efeito duradouro. Não é possível se contrapor às tendências irracionais e anárquicas do capitalismo através da (duvidosa) boa vontade individual dos capitalistas.

SAÍDAS

Um sistema que produz crises, guerras, mas também revoluções

Mas, seria possível esperar que os Estados nacionais ou os organismos internacionais regulamentassem o capitalismo com leis e mecanismos de controle e coerção? Na verdade, essa pergunta inverte o problema. É a força econômica e política dos diversos setores da burguesia que dita os rumos dos Estados e as leis.

Os governos têm proclamado a necessidade de tentar combater o aquecimento global e a destruição da natureza, com uma mudança da matriz energética e produção de energia limpa. Mas, além das iniciativas terem sido totalmente ineficientes até agora (ver página 14), são anuladas pela destruição agressiva da natureza por milhares de empresas que fogem ao controle. Isso inclui algumas das maiores multinacionais. É só ver o chamado escândalo do Dieselgate, da Volkswagen, que usou técnicas fraudulentas para obter bons resultados em testes de emissão de gás carbônico.

Outro exemplo recente é o da vacinação contra a Covid-19. A racionalidade indicaria que os governos dos principais países do mundo deveriam se articular para garantir a vacinação em massa, de toda a população mundial, para acabar com a pandemia, reverter a crise econômica mundial e, inclusive, recuperar o próprio capitalismo.

No entanto, os interesses das grandes empresas farmacêuticas, estreitamente ligadas aos governos imperialistas, impedem a liberação das patentes para uma produção em massa, que seria plenamente possível.

SOCIALISMO INTERNACIONAL OU BARBÁRIE GLOBAL

Esse exemplo também mostra como a existência dos Estados nacionais é um obstáculo para a de racionalidade do sistema. Principalmente porque o capitalismo imperialista é um sistema baseado na exploração dos recursos naturais e da força de trabalho dos países pobres pelos países ricos, que ignoram os seus sofrimentos durante a pandemia e não vacilam em deflagrar guerras por recursos naturais, como o petróleo, como vimos nos casos do Iraque e do Afeganistão.



Revolta do povo do Paraguai contra o governo que nada fez pra combater a pandemia

Isso sem contar que os próprios Estados nacionais estão cada vez mais atravessados pela corrupção e por máfias do narcotráfico e milícias, como o México e o Brasil, que representam setores burgueses ligados ao crime organizado.

Nesse quadro de decadência, crise e barbárie, em um mundo em que campeia o desemprego, a crise sanitária e os cortes do orçamento para saúde e para o sistema educativo, as possíveis oportunidades para uma vida melhor, por meio da educação, são negadas para a maioria absoluta. E a oportunidade de exercer a cidadania em regimes políticos crescentemente autoritários, como no Brasil, é cada vez menor.

Por isso, ao contrário do que pensam os "progressistas", a tentativa de redefinir o capitalismo para um sistema "racional" e "consciente" é impossível. Em sua época de decadência, o capitalismo imperialista é cada vez mais um sistema que provoca crises, guerras e destruição da natureza.

Mas, também, provoca revoluções. E, ao contrário do que pensam os "progressistas", uma revolução socialista consciente é a única possibilidade não-utópica e racional de evitar que a humanidade caia na barbárie.

VIOLÊNCIA RACISTA NOS ESTADOS UNIDOS

Justiça para Floyd não traz paz nem põe fim à violência racista

WILSON H. DA SILVA, DA SEC. NACIONAL DE FORMAÇÃO DO PSTU

Exatos 16 quilômetros separam duas histórias que servem como retratos da profundidade do abismo racial existente na sociedade norte-americana, da violência que assombra e destroi as vidas negras; mas, também, da força da mobilização social e da rebelião dos "de baixo" na luta contra a opressão.

Hoje, 20 de abril, todos aqueles e aquelas que lutam contra a opressão estão em festa, tomando ruas e praças, para comemorar a condenação do policial Derek Chauvin, que estrangulou, em 25 de maio do ano passado, George Floyd até a morte, de forma covarde, brutal e dolorosa. Uma celebração mais do que justa, até mesmo porque o resultado do julgamento está longe de ser a regra na chamada "maior democracia do planeta".

O tribunal que selou o destino de Chauvin fica em Minneapolis (no estado de Minnesota, no Centro-Norte do país) e, desde o dia 11 passado, a multidão de jornalistas deslocados para cobrir o julgamento teve que desviar suas câmeras para a vizinha cidade de Brooklyn Center, onde Duante Wright, jovem negro, com apenas 20 anos, foi assassinado por outra policial, Kim Potter, que alegou ter confundido sua pistola automática com uma arma de eletrochoque.

E, no meio dos dois episódios, há muito mais que alguns poucos quilômetros. Há séculos de racismo e impunidade, um número incontável de mortos pelas mãos, armas, pauladas e brutalidade ilimitada de policiais e supremacistas brancos. Mas, acima de tudo, há também milhares de quilômetros de ruas e avenidas que, há muito, mas particularmente nos últimos anos, foram percorridos, em marchas e protestos, por milhões de negros, negras, latinos, povos indígenas e seus aliados, inclusive com importantes manifestações de solidariedade e protestos ao redor do mundo.





LEIA NO SITE: HTTPS://PSTU.ML/H5ND4

UMA VITÓRIA, MAS TAMBÉM UMA EXCEÇÃO HISTÓRICA

No julgamento, a defesa de Chauvin tentou defender a tese de que George Floyd era o verdadeiro culpado por sua morte, que teria sido causada por problemas cardíacos e respiratórios provocados por drogas. Por mais estapafúrdia que fosse, não eram poucos os que acreditavam que a tese iria vingar, a começar, inclusive, pelas autoridades políticas do país, que se prepararam para uma verdadeira guerra, deixando as forças policiais (a cargo dos governadores) e a Guarda Nacional (sob o comando do presidente Joe Biden) em alerta máximo.

Uma cautela baseada na própria História. Um artigo publicado, em 14 de abril, no portal "Ill Will", intitulado "Notas sobre o julgamento de Derek Chauvin", apresentou dados bastante significativos: em 14 anos, entre 2005 e 2019, apenas 104 policiais foram acusados de homicídio ou homicídio involuntário, enquanto em serviço; apesar de que, neste mesmo período, foram registrados 14 mil assassinatos (um número bastante subnotificado), sendo que apenas 35 foram considerados culpados e apenas quatro foram condenados.

NAS MÃOS DA POLÍCIA, VIDAS NEGRAS NÃO VALEM NADA

A impunidade dos policiais é inversamente proporcional à ferocidade dirigida contra a população negra. Como noticiado no portal da UOL, em um artigo intitulado "Quatro fatos que ajudam a explicar tensão entre negros americanos e polícia", lá, onde negros correspondem a cerca de 13% da população (contra 60% de brancos), mas, os afrodescendentes são presos em uma taxa cinco vezes maior que a dos brancos e o dobro da dos norte-americanos de origem hispânica (18% da população). Além disso, homens negros têm cerca de três vezes mais probabilidade de serem mortos pela polícia do que brancos e mulheres negras são assassinadas numa proporção 1,4 vezes maior que as brancas.

Números que representam vidas cujos nomes estão fortemente gravados na memória recente do país. Afinal, as raízes do movimento Black Lives Matter (BLM, "Vidas Negras Importam") podem ser encontradas no tribunal que inocentou o segurança George Zimmerman, sob a alegação de legítima defesa, do assassinato de Trayvor Martin, de 17 anos, na Flórida, em 2012.

Raízes que se fortificaram com o sangue, a dor e a impunidade que cercaram as mortes de Michael Brown, de 18 anos, morto por um policial em Fergusson (Missouri), em 2014; Eric Garner (44), que também mor-

reu gritando “eu não posso respirar”, nas mãos de um policial de Nova York, em 2014; Freddie Gray (26), morto por um policial de Baltimore (Maryland), em 2015, e Breonna Taylor (26), fuzilada por policiais que invadiram seu apartamento, em Louisville (Kentucky), em 2020.

Em todos os casos, os policiais foram completamente inocentados, com exceção de um dos três executores de Breonna, que recebeu acusações de “conduta arbitrária”, sendo solto logo depois sob fiança.

DUANTE WRIGHT: A EVIDÊNCIA DA VIOLÊNCIA RACISTA

Como mencionado acima, o jovem de 20 anos, pai de um recém nascido, foi morto a quilômetros de distância de onde o tribunal estava rolando. Duante foi parado numa blitz, no domingo, 11 de abril, por ter desodorizadores de ar pendurados no retrovisor, algo proibido por lei, mas que dificilmente provocaria a detenção de um carro dirigido por brancos, já que um estudo feito pela Universidade de Stanford, em 2020, constatou que motoristas negros têm cerca de 20% mais chances de serem parados do que os brancos.

O crime levantou imediatamente a população da pequena cidade de Broklyn Center, com apenas 30 mil habitantes e uma maioria não-branca: 29%, de negros; 16,3%, de asiáticos e 13,5%, hispânicos; contra 38% de brancos(as). Desde então, protestos têm ocorrido todas as noites, apesar do toque de recolher imposto tanto pela prefeitura quanto pelo governo estadual e do envio, pelo governo federal, da temida Guarda Nacional.

E o assassinato de Duante não foi um fato isolado. Como destacado pela edição de 17 de abril do jornal “The New York Times”, desde que as testemunhas começaram a depor no caso Chauvin, em 29 de março, nada menos que “64 pessoas morreram nas mãos das forças da lei em todo o país, sendo que negros e latinos eram mais de metade dos que foram assassinados”.



LEIA NO SITE: HTTPS://PSTU.ML/H5ND4

O primeiro deles, assassinado no mesmo dia em que as audiências começaram, é terrivelmente exemplar da sanha assassina da polícia. Adam Toledo, um garoto de origem hispânica, com apenas 13 anos, foi perseguido, encurralado e morto por um policial, no exato momento em que levantava as mãos, para demonstrar que não representava perigo algum.



SOB O CAPITALISMO, NÃO HÁ PAZ, NÃO HÁ JUSTIÇA!

A cena praticamente inédita de Chauvin saindo algemado do tribunal, sob a ameaça de encarar algumas décadas na cadeia, não é um reflexo da chegada de Joe Biden ao poder. Aliás, basta lembrar que foi sob o governo Obama, o primeiro presidente negro do país (2009 – 2017), que a maioria dos casos relatados acima ocorreram.

O que impulsionou a decisão foram os protestos que, desde 2013 e 2014, cresceram sem parar. Marchas, manifestações, paralisações de estradas e avenidas e, também, greves localizadas que se transformaram no maior processo de luta no país, inclusive quando comparadas aos importantíssimos protestos que, nos anos 1950 e 1960, derrubaram as leis de segregação racial.

De lá pra cá, leis foram derrubadas, direitos conquistados, um negro ocupou a Casa Branca e números recordes de negros, latinos e representantes indígenas assumiram postos de “poder” em governos, parlamentos e demais instituições do Estado.

Contudo, o essencial não mudou. Além da continuidade e aumento do encarceramento e dos assassinatos racistas, a taxa de desemprego entre negros, em 2020, chegou a 11,4%, enquanto a média nacional foi de 8,1%, assim como a fome e falta de acesso a serviços atingem a população de forma completamente desigual.

Situações todas elas agravadas pela pandemia, que, segundo uma pesquisa da APM Labs. Enquanto a maioria de brancos registra 150,2 mortes para cada 100 mil habitantes; entre os 13% de negros, a taxa é 179,8 pra cada 100 mil e entre os povos originários (3% do total) é ainda maior, com 256 mortes para cada 100 mil.

Números que demonstram que a condenação de Chauvin é, inegavelmente, uma importante vitória das lutas recentes. E, por isso mesmo, não podemos discordar da mensagem postada na página do twitter do Black Lives Matter, hoje.

O texto lembra que foram necessários “330 dias para confirmar o que já sabíamos. 330 dias para reviver o trauma do assassinato de George, temendo que o sistema nos decepcionasse novamente, e lamentando tantos mais que perdemos. Por um assassinato testemunhado por milhões de pessoas”. E que isto “não é prova de que o sistema funciona. É a prova de como ele está quebrado (...). Enquanto não tivermos um mundo onde as nossas comunidades possam prosperar livres do medo, não haverá justiça.”

Mas, o problema não está no sistema judiciário, assim como a solução não está na prosperidade da comunidade negra. Biden declarou que a condenação é um “passo à frente contra o racismo sistêmico que mancha a alma do país (...) que pode ser um passo gigante na marcha em direção à justiça na América”. Os Democratas e seus aliados (dentre os quais, inclusive, encontra-se a direção majoritária do BLM) certamente irão utilizar a condenação de Chauvin para alimentar esta ilusão.

Contudo, vidas negras não sobrevivem de ilusões. A dura realidade da exploração capitalista é que nos coloca, aqui ou em qualquer lugar do mundo, na mira da violência racista. Os assassinatos continuarão e outros tantos policiais assassinos sairão impunes no mesmo ritmo em que a crise do sistema avança. Por isso, a condenação de Chauvin não é uma mudança de rumo. Foi uma exceção conquistada pela aliança que negros e negras conseguiram construir, nos últimos anos, com setores mais amplos da classe trabalhadora, da juventude, dos latinos, imigrantes e povos originários.

E somente a unidade destes mesmos setores, na luta pelo pela conquista do poder, numa sociedade socialista, poderá realmente garantir que não precisemos lembrar, dia após dia, que “vidas negras importam”.

LUTO

Camaradas, presentes!

Operário e socialista

Giba presente! Até o socialismo, sempre!



Na manhã do dia 19 de abril, faleceu nosso companheiro, camarada e amigo Gilberto Antônio Gomes, o Giba.

Giba era trabalhador, operário, negro, um incansável revolucionário socialista. Foi internado na semana passada na UPA de Ibirité (MG), onde os médicos trabalhavam possíveis diagnósticos (síndrome de Guillain-Barré, um tumor no pâncreas e Covid-19). Na noite do dia 18 foi intubado e veio a falecer na manhã do dia seguinte. No laudo foram apontadas insuficiência respiratória grave, parada cardiorrespiratória e hipoglicemia não especificada. Ele foi vítima também do colapso do sistema de saúde, produto desse genocídio e da pandemia descontrolada que estamos vivendo no Brasil.

Nosso companheiro deixa um filho e uma filha, irmãos, muitos amigos – boa gente que era – e muitos camaradas de luta espalhados por todo o país.

Emocionante homenagem a ele, na noite do dia 19, reuniu cerca de 250 pessoas, entre eles militantes históricos de várias partes do Brasil que compartilharam essa rica trajetória, como Zé Maria e muitos outros, companheiros e amigos de outras organizações, além de seus camaradas do PSTU em Minas Gerais, que organizaram a atividade comovente. A homenagem a um dos imprescindíveis também significou um abraço coletivo virtual e o compromisso de seguir a luta.

SEMPRE JUNTO À CLASSE OPERÁRIA

Giba desde muito cedo fez parte da luta de sua classe. Em 1978, durante o regime militar, foi um dos ativistas da greve da Toshiba, em Contagem (MG). No ano de 1984, então militante da Convergência Socialista, corrente que mais tarde faria parte da construção do PSTU, participou da chapa de oposição do Sindicato dos Metalúrgicos de Belo Horizonte-Contagem, que derrubou os antigos pelegos da entidade.

Giba dedicou sua vida à luta em defesa dos interesses da classe operária; entregou a essa luta sua força, sua energia, sua emoção e sua alegria. Sim, sua alegria! Porque Giba era um cara alegre, de sorriso fácil, típico daqueles que não se deixam abater pelas adversidades que o capitalismo impõe. Presença certa, "figura carimbada" nas rodas de conversa, nos encontros e nos bares da vida. De um coração enorme. Giba era aquele tipo humano sempre preocupado com seus camaradas, muito mais do que consigo próprio.

Foi militante e dirigente das lutas sindicais dos trabalhadores mineiros e do país. Foi dirigente do Sindicato dos Metalúrgicos de Belo Horizonte-Contagem, ajudou a fundar e foi dirigente por muitos anos da Federação Democrática dos Metalúrgicos de Minas Gerais. Foi também fundador e dirigente nacional da CSP-Conlutas.

E toda a trajetória de luta desse camarada esteve sempre dedicada, em primeira e última instância, à luta pelo socialismo. À luta para acabar com toda forma de exploração e opressão do capitalismo. Foi militante da Convergência Socialista, fundador e dirigente do PSTU, uma vida inteira dedicada à construção do partido revolucionário e de uma internacional revolucionária – a Liga Internacional dos Trabalhadores – Quarta Internacional (LIT-QI).

É um orgulho para todos que convivemos com ele. E é uma tristeza imensa ter de encarar sua partida, assim como é imensa a dor causada pelo vazio que ele deixa.

Sabemos que o que Giba iria querer de nós agora é que continuássemos a luta. Então haveremos de transformar toda essa tristeza e toda essa dor em força. Força para levarmos adiante, ainda com mais determinação, a luta que trouxemos juntos até aqui.

Assim, ao mesmo tempo que abraçamos seus familiares e amigos, que enviamos a eles toda a nossa solidariedade, queremos reafirmar que Giba – sua lembrança e seu legado – seguirá conosco na luta. Até o socialismo!

LEIA NO SITE: HTTPS://PSTU.ML/DF66W

Uma vida dedicada à revolução

Óscar Ángel presente!



Óscar Ángel, dirigente do Partido Socialista dos Trabalhadores da Colômbia, seção da Liga Internacional dos Trabalhadores – Quarta Internacional (LIT-QI), morreu de Covid-19 no último dia 16 de abril.

Queremos transmitir nossos sentimentos e a solidariedade de todos os militantes do PSTU (Brasil) aos militantes do PST (C) e à família de Óscar.

Óscar teve uma trajetória de décadas como militante revolucionário e lutador pelo socialismo nas fileiras do PST e da LIT. Sua morte é uma tragédia. Além da tristeza, nos enche de revolta e indignação, porque foi fruto da barbárie capitalista que é a pandemia mundial, que já matou mais de 3 milhões de pessoas ao redor do mundo e continua descontrolada. Um verdadeiro genocídio.

Nós, militantes da LIT, somos parte da classe trabalhadora e sofremos os tremendos efeitos dessa pandemia, fruto da decadência e putrefação do sistema capitalista. Agora, a pandemia levou um dos nossos, um dos mais valiosos militantes.

Neste momento de luto e tristeza, queremos destacar o exemplo da vida de Óscar Ángel. Foram décadas dedicadas à luta pela revolução socialista, à defesa da classe operária, do marxismo e do trotskismo e à construção do PST e da LIT para superar a crise maior da humanidade, que é a crise de sua direção revolucionária. Óscar Ángel, presente, até o socialismo, sempre!

LEIA NO SITE: HTTPS://PSTU.ML/JVG2T

1º DE MAIO

Dia internacional de luta dos trabalhadores

Neste 1º de maio os trabalhadores em todo o mundo enfrentam uma pandemia que já deixou mais de 3 milhões de mortos. O aprofundamento da crise econômica descarrega nas costas dos trabalhadores todo o ônus. Aumenta o desemprego, a miséria e a exploração, fábricas fecham. Apesar da pandemia e das limitações impostas aos trabalhadores, eles têm resistido em todo o mundo.



LUÍS CARLOS PRATES, O "MANCHA", DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS (SP)

1º de maio de tradição e luta

O 1º. de maio é uma data histórica da classe trabalhadora. Marca uma grande manifestação realizada em Chicago, nos Estados Unidos, em 1886. Na época, a polícia norte-americana, instrumento feroz do patronato contra a organização dos trabalhadores, reprimiu brutalmente a manifestação. Até hoje o número de mortos nunca pôde ser apurado, muitos foram enterrados clandestinamente. Em 1890, a Internacional Socialista instituiu a data como Dia Internacional do Proletariado, adotando como programa fundamental a luta pela jornada diária de oito horas.

Ao longo dos anos, os patrões e governos sempre tentaram desvirtuar a data como o "dia do trabalho", tentando apresentá-la como dia de confraternização e conciliação entre o capital e o trabalho. Nos EUA até hoje a data não é comemorada, sequer é feriado.

LEIA NO SITE: HTTPS://PSTU.ML/YI9OS

PARTICIPE

CSP-Conlutas e Intersindical convocam ato virtual classista e internacionalista

Com a impossibilidade de aglomerações em razão da pandemia, as centrais sindicais CSP-Conlutas e Intersindical (Instrumento de Lutas da Classe Trabalhadora) vão manter a tradição do 1º. de maio fazendo um ato virtual contra o governo Bolsonaro, responsável pelo genocídio que ocorre no país.

Vamos exigir "Fora Bolsonaro e seu governo da fome", além de auxílio emergencial de R$ 600,00, quebra das patentes e vacinação para todos já, bem como lockdown para conter a disseminação do coronavírus. Também vamos defender a preparação de uma greve geral sanitária no país.

O ato também denunciará o papel da maioria das centrais sindicais de desvirtuar o caráter classista da data. E servirá de ressonância para as lutas que estão ocorrendo no país, como as das mulheres operárias da LG, 3C, Blue Tech, Sun Tech, dos petroleiros, dos trabalhadores dos correios, bancários, contra as privatizações e do funcionalismo público contra a reforma administrativa.

Participarão centenas de entidades sindicais, organizações populares, da juventude e de luta contra as opressões,

NÃO PERCA!

Ato virtual às 11 horas.
Acompanhe pelas redes sociais do PSTU.

Clique nos icones e acesse cada rede

NÃO SOMOS MASSA DE MANOBRA

CUT, CTB, Força Sindical e demais centrais promovem conciliação de classe

As demais centrais sindicais resolveram fazer uma live no 1º de maio, chamada por elas de ato unitário, e convidaram os presidentes da Câmara, do Senado, do Supremo Tribunal Federal (STF), governadores e partidos políticos como o DEM, o PSDB, que dividirão o ato com o PT, PCdoB, PSOL e o ex-presidente FHC.

Dessa maneira, jogam fora a tradição de luta deste 1º. de maio e comprometem a independência dos trabalhadores com seus inimigos em nome de uma "união nacional". Sob o pretexto de isolar Bolsonaro, colocam no mesmo palanque trabalhadores e seus algozes. Aliás, foram esses políticos e seus partidos que aprovaram (e ainda estão votando) as reformas trabalhista e previdenciária, as privatizações e a liberação da compra de vacinas para o setor privado.

Querem colocar os professores que lutam pela defesa de suas vidas junto com os governadores que, como Doria, querem a todo custo abrir as escolas no pior momento da pandemia.

Querem fazer uma frente ampla contra Bolsonaro com aqueles que apoiaram e executaram os ataques aos nossos direitos. Rodrigo Maia, convidado ilustre do ato, segurou mais de 100 pedidos de impeachment contra Bolsonaro.

Este não é o nosso 1º. de maio. Um dia de luta dos trabalhadores não pode promover a conciliação e união com os patrões e suas organizações e ser joguete para fins políticos eleitorais. Mas os ativistas têm uma alternativa para manter acesa a chama da independência dos trabalhadores, divulgando, participando do ato convocado pela CSP-Conlutas e Intersindical. Não podemos subordinar as nossas lutas ao calendário eleitoral. d.e 2022 . Fora Bolsonaro e Mourão! Viva o primeiro de maio da classe trabalhadora!